

FH pede cautela com neoliberalismo

JORGE BASTOS MORENO
Enviado especial

COIMBRA — O presidente Fernando Henrique Cardoso defendeu ontem as teses da social-democracia, em contraposição ao chamado neoliberalismo. A defesa foi feita em discurso na Universidade de Coimbra, quando foi agraciado com o título de doutor honoris causa.

— As receitas prescritas pela ideologia neoliberal devem ser examinadas com cautela. Diferentemente do neoliberalismo, a social-democracia desloca o eixo da opção entre o estatal e o privado do plano ideológico para o plano objetivo: o mais importante são as condições que devem ser criadas para o funcionamento da economia — disse Fernando Henrique.

O discurso do presidente brasileiro foi uma resposta ao professor Boaventura de Sousa Santos, que o indicara para a homenagem e que o tinha criticado minutos antes. Tudo acabou como um duelo de teses sobre direita e esquerda, no qual esteve permanentemente presente o questionamento do professor Boaventura sobre eventuais mudanças de posição do presidente brasileiro. Com um discurso recheado de ironias ao homenageado, Boaventura acabou pondo em dúvida também as vantagens das teses da social-democracia, que sustentaram o pronunciamento de Fernando Henrique.

As farpas e as críticas diretas não incomodaram o presidente, que disse ter ficado mais impressionado com o profundo conhecimento que Boaventura demonstrou ter sobre sua obra. De fato, o professor discorreu sobre toda a vida acadêmica e política de Fernando Henrique Cardoso, seus discursos mais importantes e até suas declarações recentes como a de que “a esquerda é burra”. Essa declaração, inclusive, inspirou o professor Boaventura a comentar uma observação antiga de Fernando Henrique sobre as diferenças entre o Ocidente e o Oriente:

— É verdade que não é preciso ser burro para se ser de esquerda, mas não o é menos que é preciso ser de esquerda para se saber que as idéias dominantes



Fernando Henrique, com o capelo na cabeça, abraçado por Soares após receber o título de doutor honoris causa

tendem a ser as idéias das classes dominantes — disse Boaventura.

Fernando Henrique sorriu quando o orador que o apresentou citou uma frase de seu discurso de posse no Congresso Nacional:

— O discurso do presidente Fernando Henrique Cardoso na cerimônia de posse no Congresso Nacional começa, após os intróitos de praxe, com uma frase lapidar: “Sem arrogância mas com absoluta convicção, eu digo: este país vai dar certo”. O dispositivo retórico desta frase é brilhante. A negação inicial da ar-

rogância é fundamental para permitir a afirmação subliminar da arrogância de quem declara ter uma convicção absoluta e a manifesta de forma sentencial e egocêntrica: “eu digo”. Mas este egocentrismo explícito é meteórico e logo se enconde na descentração do que diz — “este país vai dar certo” — dito em vez daquilo que verdadeiramente quer dizer: eu vou dar certo.

A pergunta de se o Brasil vai dar certo, segundo Boaventura, é feita por Fernando Henrique e “por milhões e milhões de pessoas, que, dentro e fora do Brasil, acompanham, vivem, cele-

bram ou sofrem a apaixonante aventura do presidente sociólogo”. Ao final, ele, de novo, atacou:

— Vai de fato o sociólogo Fernando Henrique Cardoso ensinar o político Fernando Henrique Cardoso a ser um bom presidente, fiel ao programa de mudança social-democrática e progressista há muito traçado, ou, pelo contrário, vai o político Fernando Henrique Cardoso, feito presidente, lembrar ao sociólogo Fernando Henrique Cardoso que os tempos mudaram e que as idéias, sem ele se dar conta, saíram entretanto do seu lugar?